

Para onde vai a América Latina?

Apresentação

TATIANA BERRINGER,* ARMANDO BOITO** E ELIEL MACHADO***

A história recente da América Latina está marcada pela implantação e pela longevidade do modelo econômico capitalista neoliberal, pela resistência das classes trabalhadoras a esse modelo e pelas tentativas de alguns governos da região de reformá-lo ou mesmo superá-lo. Essa história está marcada também pela luta das mulheres trabalhadoras, dos movimentos populares de negros, indígenas e LGBTs e também por novas formas de dominação e de intervenção imperialista no subcontinente. O dossiê que apresentamos neste número de *Crítica Marxista* procura dar uma contribuição, mesmo que modesta, para a compreensão de uma parte desses fenômenos e principalmente no que se refere à situação em que eles se encontram na conjuntura atual.

No início do século XXI, os conflitos sociais e a relação com o imperialismo em cada formação social latino-americana levaram à eleição de governos que buscaram a reforma do modelo capitalista neoliberal, como ocorreu nos casos da Argentina e do Brasil, ou à ruptura com esse modelo, como nos casos da Venezuela e da Bolívia. Esse período ficou conhecido no mundo acadêmico e no jornalismo progressista como “Onda rosa”. Além da derrota da Alca, impulsionou-se a criação de novas iniciativas de integração regional como a Alba, a Unasul e a Celac. Nem todos esses governos conseguiram alterar a hegemonia do capital financeiro, alguns se beneficiaram do chamado “boom das *commodities*” puxado

* Professora adjunta de Relações Internacionais na UFABC. E-mail: berringer.tatiana@ufabc.edu.br

** Professor titular de Ciência Política na Unicamp. E-mail: armando.boito@gmail.com

*** Professor de Ciência Política da UEL. E-mail: elielmachado1@hotmail.com

pelo crescimento chinês (o que ficou conhecido como “neoextrativismo”), mas, no geral, adotaram-se políticas sociais mais favoráveis aos trabalhadores e à geração de emprego. Esses governos enfrentaram também conflitos graves no interior do campo popular, sendo exemplos importantes o conflito entre, de um lado, os interesses de povos originários e de populações mais isoladas e, de outro, os interesses de trabalhadores assalariados que almejam o crescimento econômico e a criação de empregos propiciados pela política neodesenvolvimentista, e, para citar outro exemplo, o conflito entre os movimentos feministas e o conservadorismo de costumes que ainda persiste no campo popular. Uma parte dos governos citados foi vítima de golpes de Estado (Honduras, Paraguai, Brasil e Bolívia), tentativas de golpe (Venezuela) e/ou foi sucedida por governos neoliberais eleitos (Argentina, Equador e Uruguai), que acabaram levando a um retorno de subordinação estrita desses Estados ao imperialismo – vide a criação da Aliança para o Progresso e as articulações contra o governo Nicolás Maduro, bem como o Fórum Pró-Sul e outras iniciativas do gênero.

Recentemente, algumas eleições trouxeram de volta partidos e governos que apontam ou apontavam para o retorno de programas de reforma e/ou ruptura do neoliberalismo (Bolívia, Peru, México, Argentina e Chile). Tendo isso em vista, perguntamos aos autores convidados para contribuir com o nosso dossiê: como a América Latina tem se inserido na política internacional contemporânea, principalmente face ao crescente conflito entre Estados Unidos e China? Qual a forma atual de dependência? Que tipos de governos e programas políticos têm surgido na região? Quais são as forças sociais que têm resistido ao capitalismo neoliberal? Quais são os principais conflitos sociais na região? Enfim, quais são as tendências que podemos discernir na América Latina de hoje.

Colaboradores de *Crítica Marxista* do México, Equador, Chile, Argentina e Brasil produziram textos para o nosso dossiê. Agradecemos a todos e todas e desejamos boa leitura.